

### O PODER DISCIPLINAR DO TEMPO NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

Maria Aparecida de Souza Vangiler<sup>1</sup>
Clícia Rodrigues da Silva<sup>2</sup>

Que o tempo é sentido como uma força misteriosa, que exerce sua coerção sobre nós, certamente não é um fato novo. (ELIAS, 1998)

## 1. INTRODUÇÃO

O tempo na sociedade moderna é um condicionante da vida dos sujeitos, uma vez que sempre mais nos apropriamos de instrumentos, tais como: relógio, calendário, e mais recentemente, os celulares para organizar a vida, seja ela pessoal, familiar, empresarial e social.

Por mais natural que seja hoje organizar a vida utilizando-se de dispositivos³ temporais, nem sempre foi assim. Na vida primitiva, como aponta Elias (1998), a vida era organizada com base em outros parâmetros, tais como: o clima, as necessidades fisiológicas, o plantio e outros. E somente com o processo de desenvolvimento das sociedades e das culturas foi-se criando outras necessidades e consequentemente se complexando as estruturas temporais.

Aos poucos a organização temporal que conhecemos hoje foi estruturando-se e ganhando uma dimensão quase intrínseca ao sujeito, de tal

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação, Mestrado em Educação da Universidade Federal do Acre, e-mail: vangiler@hotmail.com.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup>Mestranda do Programa de Pós-graduação, Mestrado em Educação da Universidade Federal do Acre, e-mail:cliciarodriguesdasilva@gmail.com

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Dispositivo compreendido a partir da teoria Foucaultiana



forma que ao nascer, a criança já começa a aprender a se organizar e a "respeitar" a temporalidade posta. Ainda que não seja algo simples.

Em vários espaços, instituições, tais como: família, igreja, empresa, fábrica, prisão e escola aprende-se a reconhecer e a acreditar na importância de obedecermos as sínteses temporais<sup>4</sup> construídas pela sociedade na qual estamos inseridas.

Dentre todas essas instituições a escola tem grande destaque no que diz respeito a construir nos sujeitos os conceitos/sínteses temporais. Pois, na medida em que o sujeito adentra o ambiente escolar é induzido a assumir uma temporalidade própria daquele espaço, o tempo escolar, que é diferente dos demais existentes na sociedade.

Assim, a finalidade deste texto é discutir a força disciplinar do tempo no contexto da escola. Uma vez que ainda que os alunos e professores adentrem esta instituição com uma organização do tempo individual ou coletiva diferentes, são induzidas ou forçados a assumirem o tempo próprio desse espaço para permanecer nele, caso contrário, serão excluídos.

O interesse por escrever sobre este tema surgiu nas aulas da disciplina "Organização do trabalho pedagógico na escola" conduzido pelas professoras Andréa Favila e Tânia Mara Rezende Machado, além dos textos trabalhados pelas duas professoras este tema permitiu agregar outros autores trabalhados nas demais disciplinas do Mestrado em Educação, o que permitiu um enriquecimento maior das discursões sobre o tema.

Os autores utilizados como aporte teórico para fundamentar este trabalho são: Elias (1998); Foucault (1987); Certeau (2003); Freitas (2012); Faria Filho (2000). Seus estudos possibilitam a problematização dos aspectos que este estudo pretende levantar.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Para Elias (1998), para compreender e transmitir aos demais sujeitos os conceitos e representações complexas produzidas ao longo do tempo estes constroem símbolos representativos que agregam em si vários conceitos, como uma síntese. O tempo, portanto, é uma destas sínteses.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidenta VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

O texto, portanto, está organizado da seguinte forma: na primeira parte, apresenta algumas considerações sobre o tempo e seu poder coercitivo, logo em seguida, far-se-á uma apresentação do tempo escolar, incluindo sua gênese e consolidação, e em terceiro será apresentado algumas considerações sobre a organização do tempo escolar, no contexto de produtividade e busca por resultados e para finalizar, apresenta-se algumas considerações que pretendem problematizar a utilização do tempo no interior da escola.

### 2. O TEMPO E SEU PODER COERCITIVO

Estudar sobre o tempo requer que façamos uma breve explanação sobre em qual definição do mesmo este estudo está apoiado e como ele foi se constituindo ao longo dos anos. O tempo compreendido aqui como uma construção cultural, social e histórica. Foi configurando-se num processo evolutivo que acompanhou o desenvolvimento da humanidade, ou seja, na medida em que as sociedades foram se aperfeiçoando e tornando-se mais complexas, os sujeitos necessitavam aprimorar mecanismos que permitissem a eles agirem pensando na coletividade. Desta forma, nas sociedades primitivas cuja principal finalidade era a subsistência e o atendimento das necessidades básicas, a relação com o tempo era pautado pelo corpo dos sujeitos. Por outro lado, com o advento da indústria e a ideia de produzir mais em menos tempo, os sujeitos precisavam aprender a controlar as necessidades básicas do corpo, em prol de uma "coletividade". Começava-se, então a estabelecer horários comuns para trabalhar, descansar, comer, fazer as necessidades fisiológicas.

O tempo, assim, ganhava um poder disciplinar, quase que indispensável na vida dos sujeitos. E quanto mais complexa se tornava a sociedade e as relações, mais se fazia necessário que o tempo socialmente construído como adequado àquele grupo fosse absorvido pelos sujeitos.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidenta VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Desse modo, o poder coercitivo do tempo vai afirmando-se no sujeito na medida em que este vai inserindo-se na sociedade. E como aponta Elias (1998), quanto mais complexa for a sociedade, mais o conceito de tempo será uma síntese abstrata, com um poder coercitivo quase invisível, mas onipresente do qual é difícil de se escapar.

Em numerosas sociedades da era moderna, surgiu no individuo, ligado ao impulso coletivo para diferenciação e uma integração crescentes, um fenômeno complexo de auto-regulação e de sensibilização em relação ao tempo. Nessas sociedades, o tempo exerce de fora para dentro sob a forma de relógios, calendários e outras tabelas de horários uma coerção que se presta eminentemente para suscitar o desenvolvimento de uma autodisciplina nos indivíduos. Ela exerce uma pressão relativamente discreta, comedida, uniforme e desprovida de violência, mas que nem por isso se faz menos onipresente, e à qual é impossível escapar. (ELIAS, p. 22, 1998)

Este poder coercitivo que a principio é de fora para dentro, vai tornando-se um poder interno que regula o sujeito de dentro para fora, ele absorve, de tal modo, as sínteses construídas sobre o tempo que passa a organizar toda a sua vida com base nelas, sem questioná-las, chegando ao ponto de sentir-se culpado quando não consegue segui-las.

A característica de onipresença encontra-se presente também nos escritos de Foucault (1987) quando trata da vigilância, o fato de saber que pode estar sendo observado gera no sujeito uma auto-regulação, ou seja, um governo de si. Deste modo, os mecanismos de vigilância que nas sociedades menos desenvolvidas, requeriam violência e vários vigias que eram vistos e conhecidos, vai aos poucos se aprimorando até chegar a tornar-se algo interno ao sujeito, que por não saber de onde vem a vigilância, pauta suas atitudes das mais simples as mais complexas por princípios aceitáveis socialmente.

Ao nascer, o ser humano, adentra em uma sociedade que possui uma determinada forma de conceber e estruturar a vida e, consequentemente, o tempo e assim "vai se familiarizando com o 'tempo' como símbolo de uma instituição social, cujo caráter coercitivo experimenta desde cedo" (ELIAS, p.



14. 1998). Aprende-se, portanto, que é necessário ser pontual, que tem horário "certo" para comer, tomar banho, dormir ainda que biologicamente seu corpo ainda não esteja precisando.

Ao se pensar como o tempo torna-se quase que intrínseco ao sujeito moderno, é pertinente lembrar que se aprende a respeitar os tempos sociais e ainda que se apresente resistência individual, quando se descumpre uma das "regras" temporais, como a pontualidade, sofre-se uma sanção – ficar sem fazer a prova do ENEN (Exame Nacional de Ensino Médio), não participar de uma reunião importante, ser demitido do trabalho ou simplesmente ser recriminado pelo grupo, como uma falha que prejudica a coletividade. Nesse sentido, a individualidade é condicionada e subordinada às necessidades coletivas, ainda que estas sejam inconscientes e como aponta Elias (1998)

A transformação da coerção exercida de fora para dentro pela instituição social do tempo num sistema de autodisciplina que abarque toda a existência do individuo ilustra, explicitamente, a maneira como o processo civilizador contribui para formar os habitus sociais que são parte integrante de qualquer estrutura de personalidade. (ELIAS, p. 14, 1998).

Dessa forma, o processo civilizatório produz um habitus<sup>5</sup> social que imprime nos sujeitos posturas que os fazem agir de determinado modo, aceitável ao grupo social no qual está inserido. Transforma, portanto, uma coerção externa criada histórica, social e culturalmente, em um modo de fazer próprio do sujeito, parte de sua personalidade.

Contudo, nem todos os sujeitos aceitam esta força coercitiva sem resistência, um exemplo disso são os que sempre chegam atrasados ou os grupos que vivem pautados por outras maneiras de lidar com o tempo, exemplo, os indígenas.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Conceito difundido por Bourdier para designar conjunto de práticas que é fruto de uma construção social e cultural que á apreendido pelo sujeito e mesmo que inconsciente é incorporado pelo mesmo e condiciona as suas ações.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidenta VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Estas diferentes alternativas são consideradas pela grande parte da população como inadequada a vida em sociedade. Pois, a sociedade moderna industrial, requer sempre mais de seus sujeitos produtividade em um curto período de tempo, acelera-se a vida de tal forma que as experiências subjetivas do sujeito, consigo mesmo e com os outros, passam despercebidas. E como aponta Larrosa (2004, p. 154) "a cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa". Ou seja, a aceleração na vida dos sujeitos não os permitem, deixar que aquilo que passa por eles: pessoas, informações, paisagens, acontecimentos, fatos; os afete ou os atravesse, transforme o vivido em sensações e experiência. A humanidade, portanto, está cada vez mais presa ao tempo cronológico o que a faz afastar-se de si mesma e dos outros seres com os quais convive.

#### 3. O TEMPO ESCOLAR E A DISCIPLINA DOS CORPOS

Organização do tempo escolar como conhecemos hoje tem sua gênese com a criação da escola moderna, e configurou-se como um dispositivo importante para organizar este espaço que não existia.

Estudos como o de Souza (1998), Faria Filho (2000) e Gallego (2003, 2008) apontam a importância do tempo escolar para a organização e implantação da educação graduada no século XX. O que induz a pensar que seria quase impossível uma escola sem a organização temporal que conhecemos hoje.

O tempo escolar como fator significativo para a organização da escola moderna "deve ser entendido como movimento que tem ou propõe múltiplas trajetórias de institucionalização" (FARIA FILHO, 2000, p. 70). Isto, porque ao longo dos anos foi-se construindo uma arquitetura temporal<sup>6</sup> para direcionar o trabalho dentro do ambiente escolar a partir de varias temporalidades individuais e coletivas, de tal forma que depois de fixada quase

.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Termo utilizado por Souza (2008)



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidenta VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

não se precisou mudar. Chegando a ser considerada como algo inerente a escola.

Percebe-se, assim, ao fazer um levantamento da constituição histórica do tempo escolar uma preocupação em demarcar cronologicamente o tempo que os indivíduos que compõem o ambiente da escola ficarão nela. Pois, "os tempos da escola configuram-se em um dos primeiros tempos úteis, cronometrados, controlados e exigidos, percebidos pelas crianças. Nesse sentido ele educa, modela e conforma, prestando-se aos desígnios da civilização". (SOUZA, 1998, p. 222).

Algumas considerações se faz pertinente a partir da citação acima, "tempos úteis", os tempos da escola moderna estão a serviço de uma concepção de sociedade produtiva, então nela precisa-se ensinar a utilização útil do tempo. Tempos ociosos, como o recreio, passam a ser desconsiderados como tempo pedagógico. Por isso, seu poder modelador, ainda que haja resistência ele "conforma" os alunos, que quando criança possui um fazer pautado em suas vontades a assumirem os valores civilizacionais vigentes.

Ainda que a finalidade do Foucault (1987) não fosse estudar o ambiente da escola e o tempo, ele dá indicações de que na escola, como em outras instituições, como o presidio e os hospitais, o poder disciplinar se materializa para tornar os sujeitos em corpos dóceis. E o tempo tem grande poder disciplinar de educação do corpo dos indivíduos, que precisam aprender a controla-lo para atender as necessidades coletivas.

Assim, o tempo no contexto da escola surge com uma finalidade disciplinar e coerciva marcante que "organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar" (FOUCAULT, p. 126, 1987). Rompe com a prática de educar individualmente e investe em uma educação que no mesmo tempo e espaço atende a um grupo de alunos, que podem aprender mais coisas em menos tempo, funcionando como uma "máquina de ensinar".



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidenta VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

O tempo escolar, portanto, assume uma dimensão disciplinar que leva a criança a aprender a concepção cultural do tempo como regulador da vida em sociedade. (Souza, 1998), assim, além de ensinar a criança a ler os instrumentos que registram o tempo, as induzem a inculcar as práticas reguladoras da sociedade.

# 4. A UTILIZAÇÃO DO TEMPO NA ESCOLA EM UM CONTEXTO DE PRODUTIVIDADE

Após, instaurada uma maneira de conceber o tempo escolar com base em uma determinada organização, a partir da década de 1990 esta organização vai sofrer algumas modificações, que irão estar de acordo com os objetivos esperados para a escola no período e destas destaca-se: a redução das obrigações do estado, a influencia de instituições internacionais, as avaliações em larga escala e os programas de renda mínima.

Assim, o processo de globalização mundial chegou à década de 1990, impondo a todos os países algumas condições que os fizessem capazes de concorrer no mercado econômico global. Os países mais desenvolvidos e com maior poder econômico passaram a ditar as regras e a dizer o que e como fazer, e como aponta Oliveira (2000):

A nova ordem mundial reflete a globalização do modelo terceiromundista de sociedade de duas camadas. Inteiramente dominado pelos interesses das grandes corporações econômicas e das instituições financeiras, esse modelo consolida o poder das agencias internacionais, considerando-as responsáveis pelo gerenciamento da economia mundial. (OLIVEIRA, 2000, p. 44).

Passa-se a construir uma mentalidade mundial de que as funções do Estado precisam ser reestruturadas, incorporando cada vez mais uma concepção neoliberal de administração, qual seja, oferecer o mínimo indispensável a quem não tem como comprar o melhor serviço. Nesse



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidenta VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

contexto, muitas politicas públicas vão estar destinadas a atenderem apenas aos menos favorecidos e como apontam Oliveira e Duarte (2005) começa-se a dar mais ênfase nos programas de renda mínima. O estado, portanto, deixa de ser provedor para tornar-se avaliador e financiador de algumas políticas pontuais, capazes apenas de apaziguar algumas das maiores deficiências encontradas na sociedade.

O papel atribuído às políticas sociais nos contextos nacionais latinoamericanos tem sido o de atenuar ou cobrir o hiato existente entre a estrutura econômica e aqueles que estão destituídos das sias condições materiais básicas e indispensáveis a uma minimamente digna. Uma politica para os que mão conseguem ser cidadão de fato. (OLIVEIRA e DUARTE, 2005, p. 289).

E como apontam Oliveira e Duarte (2005) a educação assume uma grande importância nas politicas sociais, gerando uma polaridade entre escolas para os ricos e outra para os pobres e uma ligação direta entre as politicas de renda mínima e educação.

Nesse contexto, o sistema educacional será afetado, pois educação pública deixará de ser um direito universal para tornar-se direito de um grupo focalizado. Além disso, a partir da década de 1980 a crença na capacidade da escola é reduzida, devido um acirramento das criticas dirigidas a ela, no que diz respeito a qualidade, erradicação do analfabetismo, gestão da escola e outros. Dando abertura suficiente para os organismos internacionais como o Banco Mundial interferirem financeiro e ideologicamente neste campo.

A partir de um diagnóstico da situação do país o Banco Mundial, oferece além de recursos, um receituário a ser seguido, dando uma nova configuração ao sistema de ensino. E, no caso brasileiro, como aponta Oliveira (2013) a partir da década de 1990 às politicas tinham como principal função modernizar o país, para que este pudesse inserir-se na globalização econômica.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidenta VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

As políticas, a partir de então implementadas, mudaram algumas concepções e a configuração do sistema de ensino no país. Oliveira (2013) resume assim, o resultado destas mudanças:

Neste contexto, a avaliação assumiu finalidades mais classificatórias e menos formativo-diagnostica, visando incentivar a competição e a melhoria do desempenho por meio de incentivos financeiros. O currículo voltou-se para o desenvolvimento e competências e capacidades necessárias ao trabalhador polivalente e flexível, acarretando maior individualização e responsabilização dos sujeitos quanto ao sucesso ou fracasso na trajetória escolar e profissional. A gestão assumiu princípios, valores e técnicas da iniciativa privada, tais como eficiência produtividade e controle do trabalho, assumindo um perfil de escola-empresa, onde se preocupa mais coma performance, a gerencia, o controle e os resultados. O financiamento descentralizou-se: foi redistribuído e mais utilizado como mecanismo de regulação dos sistemas de ensino e produção do trabalho escolar. Os professores passaram a ser mais diretamente responsabilizados pelo desempenho dos alunos, tendo suas atividades pedagógicas mais reguladas e controladas e seu desempenho mais associado à ideia de certificação de competências e a incentivos ou punição financeira. (OLIVEIRA, 2013, p. 242. Grifo do autor).

Instaura-se, assim, uma nova configuração do ensino, com base em resultados de alunos e professores, com a força coercitiva presente nas avaliações em larga escala. Estas ganham grande ênfase, uma vez, que o Estado e as Instituições internacionais precisam saber se o dinheiro investido está sendo bem utilizado.

Estas avaliações afetam diretamente o trabalho na escola, de forma positiva e também negativa, e vários estudiosos identificam aspectos dos dois campos. E os autores Bauer, Alavarse e Oliveira (2015) apontam as principais implicações destas avaliações para os sistemas escolares. Ainda que seja bem significativo, discutir sobre estes aspectos apontados pelos autores, será priorizado no presente artigo, apenas as que se referem a utilização do tempo escolar.

Como aspectos negativos da utilização das avaliações em larga escala e a utilização do tempo Bauer, Alavarse e Oliveira (2015) destacam: Afunilamento curricular, uma vez, que os professores trabalham,



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidenta VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

principalmente, os conteúdos que são cobrados nas provas e a opção dos gestores quanto ao gerenciamento dos tempos nas escolas e salas de aula, apenas para conseguir resultados melhores, sobrecarregando, alguns professores e alunos apenas para ter os resultados almejados. Assim, "a escola cada vez mais se preocupa com a cognição, com o conhecimento, e esquece outras dimensões da matriz formativa, como a criatividade, as artes, a afetividade, o desenvolvimento corporal e a cultura" (FREITAS, 2012, p. 389), instaura-se, portanto, uma educação organizada para ensinar o básico, sob a justificativa de ser pré-requisito para aprender os outros conteúdos, mas o grande problema é que os demais conteúdos ensinados pela escola não são considerados pelas avaliações externas e por isso, o tempo dedicado a eles é reduzido.

Assim, ao invés de possibilitar um avanço na educação, no que se refere à qualidade, possibilita apenas focalizar nos conhecimentos que são exigidos nas provas, deixando em segundo plano os demais conhecimentos necessários para a formação integral do sujeito. "O problema não é o que ele contem como "básico", é o que ele exclui sem dizer pelo fato de ser "básico" [...]. Eles deixam de fora a boa educação que sempre será mais do que o básico" (FREITAS, 2012, p. 390)

Os aspectos positivos apontados por Bauer, Alavarse e Oliveira (2015, p. 1377) a cerca da utilização das avaliações em grande escala e o tempo escolar, seria que uma análise detalhada dos resultados pode dar pistas importantes para guiar o planejamento dos professores, organização da escola e propostas pedagógicas capazes de potencializar o ensino e evitar perda de tempo didático. O estudo detalhado dos resultados destas avaliações em larga escala poderiam potencializar os aspectos positivos, e também identificar os as falhas para corrigir. O que poderia levar os sistemas de ensino e as instituições escolares, a buscarem a partir dos resultados, possibilidades de mudanças capazes de influenciar positivamente a qualidade da Educação e não apenas uma busca cega por resultados.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidenta VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Além destes aspectos apontados é interessante lembrar também que os programas de renda mínima, induzem as politicas públicas a ampliarem o horário de permanência das crianças na escola, influenciados pela necessidade de retirar as crianças das ruas. Cria-se, portanto, o programa *mais* educação<sup>7</sup>. As escolas selecionadas para participar deste programa são as periféricas e delas as crianças que estão em situação de risco.

Assim, a configuração do tempo escolar no contexto das reformas educacionais de 1990 tinha como focos: utilização do tempo para potencializar os resultados nos exames de larga escola e na ampliação da jornada escolar para retirar as crianças em situações de vulnerabilidade das ruas, demonstrando uma utilização do tempo escolar para atender a interesses pontuais.

## 5. TÁTICAS: O TEMPO ESCOLAR SOB O FILTRO DA SUBJETIVIDADE

A escola moderna, pensada para atender um grupo de alunos ao mesmo tempo e no mesmo espaço exigem da criança que a frequenta uma adequação das suas necessidades e desejos subjetivos ao que culturalmente foi se afirmando como correto e aceitável. Nesse sentido, a escola passa a tratar todos os sujeitos como semelhantes, e por mais diferenças que possuam, no ambiente da escola são organizados por semelhanças de conhecimento, daí a necessidade de agregar as crianças por serie, e aqueles que estiverem muito longe do padrão da turma, são excluídos durante o processo. Ficam retidos.

Como aponta Souza (1998, p. 219) "foi na elaboração dos horários que a arquitetura temporal escolar manifestou seu caráter regulador, educativo e disciplinar" e foi se aprimorando para controlar o tempo que alunos e

\_

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, como estratégia do Ministério da Educação para ampliar a jornada escolar e a organização escolar na perspectiva Integral.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidenta VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

professores ficam dentro da escola. Contudo, esse controle ultrapassa o ambiente da escola, interfere na vida pessoal e familiar dos sujeitos.

Percebe-se, portanto, uma grande preocupação legal<sup>8</sup> para definir o que e quando pode o sujeito ser ensinado. Gerando uma teia fixa que serve para todos os espaços escolares e todos os sujeitos nele implicados. Porém, os sujeitos nem sempre aderem a este controle de forma passiva, resistem ou até propõem novas alternativas. Ainda que ao seu redor tenham um sistema de vigilância potente.

E Certeau (2003), ao tratar os conceitos de uso, consumo, estratégias e táticas problematiza esta corrente de força disciplinar afirmando que os sujeitos para escapar do que está posto utiliza-se de táticas, compreendidas como possibilidades de fuga, para criar ou apenas não cumprir determinados condicionantes.

Se é verdade que por toda parte se estende e se precisa a rede da "vigilância", mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também "minúsculas" e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que "maneiras de fazer" formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou "dominados"?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política. (CERTEAU, p. 41, 2003).

Nesses espaços "minúsculos" que professores e alunos aproveitam para modificar no cotidiano da escola as temporalidades impostas pelo sistema, na busca de possibilitar novos arranjos para a organização temporal posta. Algumas experiências, com a utilização do tempo de forma diferenciada na escola, encaixam-se nesta perspectiva de "maneiras de fazer" que rompem com o que está posto, exemplos como a "Escola da Ponte", que possuem uma organização temporal, curricular e do espaço diferentes pautadas na

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> A utilização deste termo se refere aos Documentos oficiais produzidos, desde o inicio do processo de implantação da Educação Graduada até agora que sempre considera o tempo escolar como um fator importante para a organização do ensino.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidenta VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

subjetividade do sujeito e que rompem com a premissa da seriação e graduação do ensino. Esta e outras experiências nos permitem pensar que:

O direito de aprender os conteúdos é fundamental nas escolas, mas precisa estar articulado a dimensões outras, igualmente importantes, considerando a complexidade e a multirreferencialidade do processo educativo. Assim, se aprender é preciso, é fundamental reafirmar que a educação não se esgota em aprendizagem. E aprendizagem não se esgota em uma lista de conteúdos ou em metas formais, inclui processos individuais e sociais desenvolvidos e vivenciados 'ao longo da vida'." (ANPED E ABDC, 2015, p. 3)

Assim, pensar a Educação formal considerando a subjetividade do sujeito, requer que pensemos na melhor maneira de organizarmos o tempo para possibilitar não apenas o crescimento intelectual, mas também o crescimento humano, estético, artístico e sociável. Dessa maneira, as possibilidades de "fuga" do que esta posto ou sendo exigido, ajudam a perceber que, mesmo sendo o tempo um fator importante para pautar a vida dos sujeitos na sociedade e na escola, algumas estruturas temporais, ao invés de possibilitarem o processo de ensino aprendizagem, dificultam, uma vez que deixam de considerar o tempo para os sujeitos conviverem, fazerem experiências que os marquem e os transformem em pessoas melhores.

## 6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho que buscou discutir a força disciplinar do tempo no contexto da escola nos permitiu concluir que o tempo, seja ele, escolar, social, cultural e individual é fruto de uma construção histórica que se firma ao longo dos anos, que tem um poder disciplinar forte na ação dos sujeitos.

Contudo, esse tempo cronometrado milimetricamente que induz os sujeitos a agirem de acordo com padrões temporais aceitáveis socialmente, não é aceito por todos, alguns espaços de fuga podem ser encontrados que permitem aos sujeitos sobreviverem, conviverem e se deixarem transpassar



pelas experiências vividas no cotidiano da vida. Longe de considerar que a ausência de uma padronização temporal fosse resolver os problemas sociais e escolares, devido, principalmente, vivermos em uma sociedade complexa, porém, é necessário considerar que quanto mais acelerados forem os processos de vida das pessoas, e menos conscientes do poder coercitivo do tempo em suas vidas, menos terão possibilidade de buscar, espaços de fuga para propor novas possibilidades de relação com o tempo, com os outros, com o mundo e consigo mesmo. Fica, portanto, o desafio. Como utilizar táticas capazes de romper o poder coercitivo de tempo para possibilitar uma vivencia que respeite a subjetividade humana sem esquecer a coletividade?

### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPED; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CURRÍCULO – ABDC. **Exposição de Motivos sobre a Base Nacional Comum Curricular.** Oficio nº 01/2015/GR. Rio de Janeiro, 09 de novembro de 2015, 9 p.

CERTEAU. Michel de. **A invenção do Cotidiano**: artes de fazer. 9. Ed. Petropolis: Vozes, 2003.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Dos pardieiros aos palácios**: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. Passo Fundo – UPF Editora, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, Luiz Carlos. **Os reformadores empresariais da educação**: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação Educação & Sociedade, vol. 33, núm. 119, abril-junho, 2012, pp. 379-404 Centro de Estudos Educação e Sociedade Campinas, Brasil, 2012.



GALLEGO, Rita de Cássia. **Tempo, temporalidades e ritmos nas escolas primárias públicas em São Paulo**: heranças e negociações (1846-1890). São Paulo. Tese: FUESP, 2008.

GALLEGO, Rita de Cássia. **Uso(s) do tempo**: a organização das atividades de professores e alunos nas escolas primárias paulistas (1890-1929). São Paulo, Dissertação: FUESP, 2013.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primaria no estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.